

A Praça Marquês de Castro está com o habitual movimento de início de tarde. Para fugir do calor, velhinhos descansam sentados embaixo das frondosas árvores e os pássaros esperam, em silêncio, o pôr-do-sol para começar a sinfonia. No som dos alto-falantes, músicas de gosto duvidoso servem de fundo para a propaganda de lojas que vendem barato e fazem promoções. O senadinho, um canto da praça, onde se reúnem, à noite, políticos da ativa, ex-prefeitos e ex-vereadores, está deserto e limpo.

Francis e Pércio Luís saíram de uma sorveteria onde compraram casquinhas e atravessam a praça em diagonal, na direção do senadinho. Sentam-se num dos bancos de concreto com a inscrição “doado pela Usina de Alcool e Açúcar”, a usina que domina a cidade. Curiosamente o nome da empresa não aparece, contrariando todos os princípios de divulgação e patrocínio. A maior empresa da região, pertencente ao município vizinho, embora esteja mais próxima geograficamente de Pilares do que da própria sede, não colocou seu nome como patrocinador do banco, doado para a praça central.

Falam de amenidades, futebol e obviamente de mulheres. As que por ali passam são motivo de observações entre ambos. “Já foi melhor” ou “esta menina está crescendo e ficando cada dia mais bonita”. Comentários típicos de dois desocupados em horário de folga. Aproveitam os minutos de descanso da hora do almoço.

- Olha quem vem lá! – exclamou Pércio, cutucando de leve as costelas de Francis.

Anail balança o corpo sinuosamente, como de costume, e entra na praça de cabeça erguida, ativa. Avistou os dois conhecidos, um deles seu amigo e confidente, o que lhe fez baixar os olhos e quase desviar o caminho. Certamente Pércio lhe perguntaria aonde vai. Não tinha lhe contado do telefonema do delegado. Não queria que ele soubesse, pois logo imaginaria que se trata do vício do marido ou da morte do ex-prefeito. Seguiu adiante e resolveu enfrentar os dois, mesmo sabendo que somente um lhe abordaria. Aquele tal de Francis não é muito dado a conversas.

- Agora sim a praça está bonita! – Pércio falou para a recém-chegada, enquanto lhe dirigia o olhar.

- Oi Pércio, tudo bem? Estou com muita pressa, desculpe, não posso conversar agora.

Ela tenta fugir a qualquer diálogo. Fez um trejeito como quem não gostou do elogio, embora tenha gostado, deu tchau e seguiu balançando os quadris. Rumou para a delegacia de polícia.

O delegado a esperava. Mesmo assim, para mostrar-se ocupado, telefonou a um amigo e ficou longo tempo conversando, enquanto ela aguardava na recepção. Muitas pessoas, especialmente as que têm poder, julgam ser elegante fazerem-se esperar. Numa demonstração de imbecilidade paquidérmica, fazem esperar por esperar.

Essa foi a atitude de Prates. Por fim, mandou Anail entrar, sentindo imediatamente o perfume feminino. Por alguns segundos perdeu a noção profissional e quase a abordou com galanteios.

Fingindo não perceber o nervosismo do delegado, Anail estendeu languidamente a mão para cumprimentá-lo.

- Boa tarde Dona Anail! Que prazer revê-la. Sente-se, por favor.

Ela percebeu que pode dominar a situação. Prates está receptivo e não resiste a tanta sensualidade. Ao sentar, cruzou as pernas como de costume e permitiu que elas ficassem displicentemente a mostra. Os seios, em dois movimentos de ombros, foram realçados sob a blusa de malha.

Anail quis sair sutilmente, pondo fim a uma conversa que, sem ter começado, a incomodava muito.

- Delegado, o senhor não acha que é melhor deixar isto para outro dia? Quem sabe na semana que vem o senhor vai lá em casa e a gente conversa com mais calma?

Prates ficou perplexo. Ela estaria se oferecendo ou simplesmente tentava iludí-lo? Deu asas.

- Bem, quando e com quem nós conversaríamos em sua casa?

Anail movimentou as pernas, descobrindo-as ainda mais. Inclinou-se para frente e os seios ficaram semidescobertos.

- Delegado, se o senhor quiser a gente pode conversar sozinhos.

Ele pensou na sua namorada e visualizou o marido de Anail, “um vendedorzinho que não sabe a mulher que tem”. Imaginou a cena de ambos, a sós, na casa dela.

- Anail – Prates se tornava mais íntimo – eu quero te fazer uma pergunta. Mas antes deixa eu te contar um historinha.

Ela ficou em estado de alerta. Que pergunta ele faria? Será que ia começar um interrogatório? Suas insinuações libidinosas não tinham funcionado. Perdera tempo. Ele é muito frio e não percebeu que ela tentou conquistá-lo.

Prates continuou.

- Quando nasce uma menina, Deus lhe pergunta: “Filha, você quer ser bonita ou inteligente?” Se ela quiser ser bonita terá que entrar numa fila e para ser inteligente entra na fila ao lado. “Mas preste muita atenção minha filha. Você só pode entrar numa fila, jamais passar pelas duas, porque os anjos não permitirão. Você será bonita ou inteligente”, advertiu Deus com severidade.

Anail percebeu que se tratava de uma brincadeira e se descontraiu. Prates seguiu falando.

- Agora me diga, como você consegui enganar os anjos e entrar nas duas filas?

Anail gargalhou satisfeita. Movimentou a cabeça, jogou os cabelos negros de um lado para outro e riu longamente. Para o delegado, ela era linda e inteligente. “Ele tem sensibilidade para mexer com a vaidade feminina”, pensou.

Prates também demonstrou satisfação. Ao elogiar a mulher, ganhou a simpatia da entrevistada.

- Delegado, o senhor é muito legal!

- E você é linda, uma flor, uma uva!

Sentindo o domínio da situação, Anail atirou-se para trás, distanciou-se de Prates e foi invadida por uma surpreendente frieza. Acordou de um sonho em que era feliz e voltou ao presente com medo daquele homem – “todos os homens são agressivos” – assumiu postura de defesa e perdeu instantaneamente o doce ar sensual. Como toda mulher que está segura de si, julgou que faria de Prates o que bem quisesse. Seu olhar passou a ser debochado.

Prates percebeu a modificação no comportamento da moça e reagiu.

- A senhora está querendo o quê comigo, Dona Anail – o tom formal da conversa voltou.

- Eu? Como assim Dr. Prates? Foi o senhor quem me chamou aqui.

- Bem, a senhora estava toda insinuante, provocante, me convidando para ir a sua casa, ficarmos sozinhos... O que pretende afinal?

Anail se recompôs. Cobriu as coxas, ajeitou a blusa recobrando também os seios e usou do mais puro cinismo.

- O senhor está enganado. Está vendo coisas onde elas não existem.

Prates corou. Não aceita ser tratado desta forma. Sente-se diminuído e sabe que mulheres como ela possuem armas imbatíveis para o jogo da guerra amorosa. A sedução, o charme, o poder sensual, tudo é muito forte nela. Foi humilhado. E por sentir-se assim, ficou irritado. Um repentino ódio veio-lhe à cabeça.

- Escuta aqui mocinha, você não vai fazer de mim o palhaço que está pensando que eu sou. Não vai me provocar desta forma e pensar que tudo fica como se nada tivesse acontecido.

Anail assustou-se.

- O que houve? O senhor está muito nervoso.

- Se você continuar agindo desta forma cínica, eu vou ficar mesmo nervoso e te dar uns tapas. Cuidado! - advertiu Prates, visivelmente transformado.

- O que é, vai me bater? Perguntou Anail em tom de desafio.

- Vou.

- Então bate!

Prates levantou-se, empurrou a cadeira com força para traz, fez a volta na mesa de trabalho e se posicionou em frente a Anail ameaçadoramente. A vista ficou turva.

A moça sorriu disfarçando o nervosismo e o medo de ser agredida.

Prates lembra que ela já o colocou em situação desconfortável. Estavam no colégio, Anail com quase quatorze anos, ele com mais de vinte. Apesar de pré-adolescente ela tinha corpo de mulher. O jovem Prates conseguiu timidamente dizer num intervalo de aula que gostava dela, que sentia algo especial. A menina se pôs a rir, chamou as coleguinhas de turma e gritou para que todas e os demais a ouvissem. “Olha, o Prates quase tem idade para ser meu pai e está me cantando!” Ele saiu rapidamente em meio ao riso geral.

Essas lembranças se misturaram a um sentimento de desprezo e ódio. Levantou a mão para atingir Anail e interrompeu o gesto.

- Bate seu covarde - gritou ela.

- Vagabunda!

Anail não chorou. Manteve-se sentada a fitá-lo firmemente. Seus olhos se cruzaram. Os dela com desprezo, os dele com ódio. Olharam-se por segundos até que ela se levantou.

- Você não merece o que poderia ter tido. É muito burro, burro – gritou, correndo para a porta, com rancor na voz e no olhar, sem lágrimas.

Apático após a tentativa de agressão, Prates tentou impedir que ela se fosse, suplicou.

- Mas você não veio aqui para isso. Nós precisamos falar sobre a morte do Alceu.

- Dane-se! Você, sua delegacia, seu morto e o seu assassino - gritou, saindo da sala.

Ele ficou paralisado. Quem falou para ela em assassinato?